

HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO E MEMÓRIAS DE EDUCADORES DE ESCOLAS RURAIS: A VOZ DE QUEM É DA ROÇA.

Silvano Sulzart Oliveira Costa¹

RESUMO: O presente texto é resultado de uma pesquisa em andamento no município de Castro Alves – Bahia, e apresenta dados de uma investigação, sobre a utilização das narrativas auto (biográficas) no contexto da formação docente, O trabalho foi desenvolvido através da abordagem qualitativa com produção e análise de 48 memórias de docentes de classes multisseriadas de escolas rurais. Os dados coletados revelam as inúmeras dificuldades que os professores tiveram ao longo de suas trajetórias para estudar, além das atuais dificuldades que os mesmos encontram nos trabalhos em classes multiseriadas e na busca pela formação superior. A escuta e o registro das vozes nos processos formativos e de escolarização possibilita rememorar e compartilhar experiências e potencializar práticas no campo pedagógico, ético e político.

Palavras-Chaves: Campo - Narrativas - Formação

1.Introdução.

Sabe-se que a formação não pode ser considerada como o único fator determinante de uma atuação “boa” ou “ruim” do profissional da educação. O momento histórico e social, como são entendidos os conceitos de escola e de ensinar e aprender dita as concepções dos professores e devem ser considerados para entendermos a Formação Inicial/continuada.

A educação do campo como instrumento de formação do indivíduo, precisa mobilizar a permanência do mesmo em seu local de origem de forma sustentável transformando numa condição indispensável para enfrentar os desafios do mundo globalizado.

No contexto da educação do campo a escola passa a ser reconhecida como espaço de reflexão da realidade da comunidade local, suas linguagens, formas de vida e, sobretudo de seu desenvolvimento humano e social. A escuta e o registro das vozes nos processos formativos e de escolarização possibilita rememorar e compartilhar experiências e potencializar práticas no campo pedagógico, ético e político.

Desta forma compreende-se que a formação docente não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos,

mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos. Há que “situar o saber do professor na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo” (TARDIF, 2002, p.16).

Pesquisadores como Gaston Pineau (2006), Marie-Cristine Josso (2004), Antonio Nóvoa (1988), Ana Chrystina Mignot (2008), Donald Schon (2000), Pierre Dominicé, (1988), Elizeu Clementino de Souza (2008) dentre outros, afirmam que o trabalho com os conceitos ligados à reflexão sobre a prática profissional, tornou-se um dos caminhos de construção do conhecimento docente, pois possibilita aos profissionais da educação a (re) significação se saberes e práticas.

Falar de si, socializar seus dilemas, no grupo, é condição necessária mas não suficiente para a tomada de consciência de si e da alteridade. A transformação das representações sociais exigiu mudanças nas práticas sociais, uma nova forma de (inter)agir no mundo. Para isso, foi preciso ir além do discurso oral, foi preciso narrar por escrito, sua história de vida, rever a trajetória estudantil, analisar a experiência profissional no memorial de formação. (PASSEGGI, 2008)

Com base no exposto pretende -se compreender como a escrita de si, possibilita ao educador, meios na construção da sua identidade docente e na transformação de suas práticas de ensino. Conforme anunciado no resumo, o objetivo principal é refletir sobre as narrativas auto (biográficas) no contexto da formação de docentes em formação continuada que atuam em escolas do campo, como também discutir perspectivas teóricas sobre a abordagem auto-biográfica no contexto das práticas pedagógicas .

Parafraseando Sousa (2008) as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como objeto de análise considerando, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa ou de formação a que esteja vinculado.

2. A Educação do Campo

A Educação do Campo, onde também se situa a educação popular, que antes era estudada fora de seu contexto, e hoje torna-se objeto de discussão no meio dos sujeitos que a compõem, os

educadores, educandos e camponeses, diferentemente de outros momentos, em que a educação rural era objeto de discussão dissociada dos sujeitos sociais que nela atuam, tendo em vista que tempo, memória, espaço e história caminham juntos. A Escola do Campo apresenta elementos que necessitam de estudo e pesquisa, como: a sua democratização, a resistência e a renovação das lutas e dos espaços físicos, assim como as questões ambientais, políticas, de poder, científicas, tecnológicas, sociais, culturais e econômicas que são vivenciadas neste espaço.

Leite (1999) afirma que,

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (LEITE, 1999, p. 14)

Para Arroyo (2001) olha-se para a Escola do Campo hoje, com um olhar onde se desconsidera a memória e as tradições, que devem ser valorizadas e atualizadas no presente, conferindo qualidade às classes multisseriadas brasileiras, tornando o ensino nelas desenvolvido de igual, ou melhor, qualidade do que o das classes seriadas: desafio pretensioso, mas possível. A educação do campo tem suas especificidades e particularidades, devendo também ter uma atenção diferenciada não só para o currículo e avaliação da aprendizagem como também para a formação dos professores. O Campo não é só um lugar voltado para a agricultura, existem neste espaço, fatores que merecem atenção. Segundo Fernandes et al. (2004) o campo é:

(...) lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas (...). (FERNANDES et al., 2004, p. 137)

Conforme salienta Fernandes e Molina (2004) na Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo,

“O movimento Por uma Educação do Campo recusa essa visão [do latifúndio], concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, com o trabalho, sua cultura, suas relações sociais. Esta neoconcepção

educacional não está sendo construída para os trabalhadores rurais, mas por eles, com eles, camponeses. Um princípio da Educação do Campo é que sujeitos da educação do campo são sujeitos do campo: pequenos agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores, camponeses, assentados e reassentados, ribeirinhos, povos de florestas, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóias-frias.” (FERNANDES E MOLINA, 2005, p 9)

3. As Narrativas autobiográficas

A formação docente, e especificamente a disciplina estágio supervisionado é um espaço onde os saberes e práticas vão sendo ressignificados e recontextualizados, constituindo-se em um espaço de produção de novos conhecimentos, de troca de diferentes saberes, de repensar e refazer a prática do professor, da construção de novas competências.

Considerando a complexidade do processo de formação inicial do profissional docente e a utilização das narrativas auto (biográficas) no contexto de formação inicial de professores, questionamos: De que maneira a abordagem auto (biográfica) , possibilita aos professores na formação inicial aprendizagens sobre si, sobre a profissão e a construção da identidade docente bem como transformações nas suas práticas . Qual a importância da escrita de si e sobre si no contexto da formação inicial do educador e da pesquisa em educação? Como a abordagem auto (biográfica) e heterobiográfica pode ser utilizada metodologicamente na formação de professores das escolas do campo?

Josso (2004) salienta que a escrita narrativa funciona num primeiro plano na perspectiva das competências verbais e intelectuais, porque faz o sujeito entrar em contato com suas lembranças e evocar as “recordações-referências” que esteja implicado com o tema conhecimento de si e formação; fazendo com que este revele o que “aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (Josso, 2004: 31). Desta forma a educação desenvolvida nos meios rurais torna-se objeto de discussão dos sujeitos que a compõem, nas narrativas e memórias dos educadores e camponeses, diferentemente de outros momentos, em que a educação rural era objeto de discussão dissociada dos sujeitos sociais que nela atuam.

Um dos professores, que aqui chamarei de professor A, que compõe o público alvo desta pesquisa, afirmou em seu memorial que:

A escola mudou muito, antigamente os professores não possuíam formação superior e nem existiam tantas cobraças. As escolas da zona rural eram deixadas de lado pelas autoridades, os alunos não tinham livros, merenda escolar e o trabalho era muito precário. Em minha sala tínhamos alunos de todas as idades e a professora tinha que atender todas as séries. A aula começa cedo e acabava cedo na época de raspar a mandioca para fazer farinha. A meninada corria para ajudar. (Professor A)

Percebe-se desta forma, que as narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. As narrativas e memórias, são peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensão temporal, e tem na experiência sua principal fonte (Benjamin, 1994, p. 98). Algo que aproxima o estágio curricular da realidade do professor-aluno.

Uma outra professora, com 30 anos de magistério, que aqui chamarei de professora B, descreveu o seguinte em seu memorial:

O importante era aprender a cartilha e a tabuada. Nós passávamos um tempo muito grande só estudando isso. Cartilha e tabuada, tabuada e cartilha, as outras matérias eram deixadas de lado. Parecia até que geografia, história e ciências não eram importantes. Mas o que me deixa intrigada é que mesmo assim aprendíamos muito. Na escola de hoje os meninos tem de tudo e aprendem pouco. Antes só passava que sabia ler, a coisa era assim, tradicional (Professora B)

Josso (2004) salienta que a escrita narrativa funciona num primeiro plano na perspectiva das competências verbais e intelectuais, porque faz o sujeito entrar em contato com suas lembranças e evocar as “recordações-referências” que esteja implicado com o tema conhecimento de si e formação; fazendo com que este revele o que “aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004: 31)

Fui alfabetizada muito tarde, lembro-me que até os meus 10 anos não sabia escrever o meu nome completo. Eu tinha também que dividir meu caderno com meu irmão, eu usava o caderno pela manhã e ele pela tarde. Quando fui estudar no centro, ficava muito envergonhada, as pessoas diziam que eu cheirava a fumaça. Quando conclui o magistério queria logo ensinar e motivar os meus alunos. As pessoas da roça, não são nem melhores nem piores do que

as pessoas do centro. Hoje já vejo muitos alunos pegando o transporte, lembro-me da minha época. (Professora C)

Percebe-se que o trabalho biográfico utilizado na disciplina de estágio, revela-se como importante recurso para a descoberta de si, existindo assim a apropriação de trajetórias pessoais, constituindo um exercício para que as experiências de vida, de profissão, e de formação sejam refletidas no processo de formação docente. Essa longa busca de si torna-se fundamental num contexto que exige forte consistência pessoal (DOMINICÉ, 1988), além de favorecer a descoberta do sentido do que se viveu, o reconhecimento de valores e projetos que promovam desenvolvimento e realização pessoal.

Uma outra professora, salientou a importância de relembrar sua trajetória de vida, que aqui chamarei de professora D:

Ser professora sempre foi meu sonho. Entrei para a escola com 7 (sete) anos de idade e meus pais não tinham muitas condições, provavelmente eu pararia de estudar no primário. Quando concluir o primário tive que começar a estudar no centro, meu pai não queria que nós fossemos estudar, porém minha mãe providenciou o material e nós íamos todos os dias em cima do caminhão e depois, muito depois começamos ir de ônibus. Eu queria ser professora para ensinar aqui mesmo. Antes de me formar já comecei a dar aula e minha primeira turma foi aqui (Professora D)

O trabalho auto (biográfico), tem sido utilizado no campo da formação do educador, promovendo reflexões significativas sobre a formação docente. As narrativas auto (biográficas) centradas na reconstrução de histórias de formação têm propiciado o conhecimento sobre as histórias de vida, de formação e de profissão dos profissionais docentes, especificamente na elaboração dos memoriais acadêmicos. Segundo Sousa (2008)

A utilização das histórias de vida com enfoque nos memoriais acadêmicos ou de formação desencadeia importantes embates teóricos no decorrer de sua evolução, travando uma luta sucessiva pelo reconhecimento de seu caráter científico, enquanto método autônomo de investigação. Por ser mais uma alternativa de mediação entre as histórias individuais e sociais, pessoais e profissionais, o interesse na utilização de tal método é crescente nas últimas décadas em diferentes áreas do conhecimento. (SOUSA, 2008 p 90).

Nesse sentido compreende-se que a abordagem auto -biográfica como recurso didático na formação docente tem sido utilizado no campo da formação do educador, promovendo

reflexões significativas sobre tal formação, visto que as narrativas são centradas na reconstrução de histórias de formação têm propiciado o conhecimento sobre as histórias de vida, de formação e de profissão dos profissionais docentes. De acordo com Sousa (2008) as histórias de vida quando enfocada nos memoriais acadêmicos, apresenta uma gama de debates teóricos que vem crescendo nas últimas décadas.

Na perspectiva de proporcionar o desenvolvimento de competências reflexivas, e de ressignificação dos discussões e dos saberes, a formação inicial docente apresenta-se como sendo uma condição imprescindível para o desenvolvimento da retextualização dos saberes, propiciando o desenvolvimento de competências voltadas para o exercício da identidade docência. É neste contexto que a abordagem auto (biográfica) tem sentido na formação do educador.

O processo de formação torna-se uma longa busca de si em um mundo que demanda uma forte consistência pessoal para enfrentar os desafios que cada um deve encarar na sociedade atual. Essa experimentação existencial irá de certo surpreender, particularmente em contextos de conformidade social, porque ela favorecerá trajetórias insólitas e opções aparentemente contraditórias.” (DOMINICÉ, 1988, p 45)

Considerando a importância da escrita de si, e do trabalho didático da construção dos memórias acadêmicos na formação do educador Sousa (2008) afirma que:

O trabalho auto (biográfico) possibilita a descoberta de aspectos decisivos da vida pessoal presentes na interioridade e na relação com o mundo, que de outra forma permaneceriam ocultos e, em muitos casos, desconhecidos. Esse caminho de apropriação de si é também estimulado pela troca realizada entre os pares (heterobiografia) que ajuda a aprofundar e compreender melhor os aspectos importantes da trajetória formativa. (SOUZA, 2008, p 22)

Com a produção dos memoriais acadêmicos, descrevendo as trajetórias profissionais, de vida, de profissão e de formação, a subjetividade configura-se como elemento constitutivo das representações sobre o vivido. Promove a reflexividade da prática docente. O ato de rememorar a partir da interiorização e exteriorização nos faz apreender no tempo e no espaço a organização das lembranças pessoais e profissionais numa perspectiva de formação tão importante e singular, fundamental para a formação docente no contexto da contemporaneidade.

4.Considerações Finais

Compreende-se que na formação continuada o profissional passa por um processo de reflexão da prática, e ao mesmo tempo questiona as teorias e assume uma postura profissional reflexiva. Desta forma observou-se o quanto a escrita de si, torna-se necessária na pesquisa em educação, e especificamente na disciplina de estágio supervisionado, potencializado mecanismos para oferecer ao professor, durante a formação, a possibilidade de melhor conhecer-se e vivenciar a abertura para a alteridade e a flexibilidade da prática docente.

Na perspectiva de proporcionar o desenvolvimento de competências reflexivas, e de ressignificação dos saberes, a formação continuada de docente apresenta-se como sendo uma condição imprescindível para o desenvolvimento da recontextualização dos saberes, propiciando o desenvolvimento de competências voltadas para o exercício da identidade docente. É neste contexto que a abordagem auto (biográfica) tem sentido na formação continuada dos professores das escolas do campo.

Notou-se também o quanto a formação continuada não se faz antes da mudança de postura do docente, pois cada educador deve ser responsável pela sua postura e ação educativa, e esta mudança ocorre aos poucos, durante o processo de reflexão, os saberes docentes que vão sendo recontextualizados. Esta postura, por si só, já é suficientemente instigadora e desafiadora para uma reflexão da prática com efeitos diretos no exercício da ação educativa.

Sendo assim, as histórias de vida, de profissão e de formação são significativas para o profissional e para a construção da identidade docente, que é favorecida também pelo trabalho autobiográfico e heterobiográfico, pois esses propiciam a reflexão direta sobre as vivências, a identificação do sentido do que se viveu e a apropriação de si, “transformando”, assim, as vivências ou experimentações em experiências.

¹Professor-Pesquisador da Universidade do Estado da Bahia/Pafor, Pedagogo, Especialista em Psicopedagogia e Gestão de Recursos Humanos, Docente da Faculdade Maria Milza/FAMAM, Membro do BIOGRAPH Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Professor e Coordenador Pedagógico da Rede Municipal de Vera Cruz e Itaparica – Bahia. E-mail: sulzarty@hotmail.com